

Governadores se dividem na reta final

Os governadores do PMDB começam a desembarcar hoje em Brasília para discutir a posição do partido no segundo turno. Eles chegam divididos, com tendência clara a apoiar a esquerda, mas condicionando o apoio ao nome do candidato que for enfrentar Fernando Collor de Mello. Tanto Leonel Brizola quanto Luiz Inácio Lula da Silva enfrentam rejeições regionais do ainda maior partido do País.

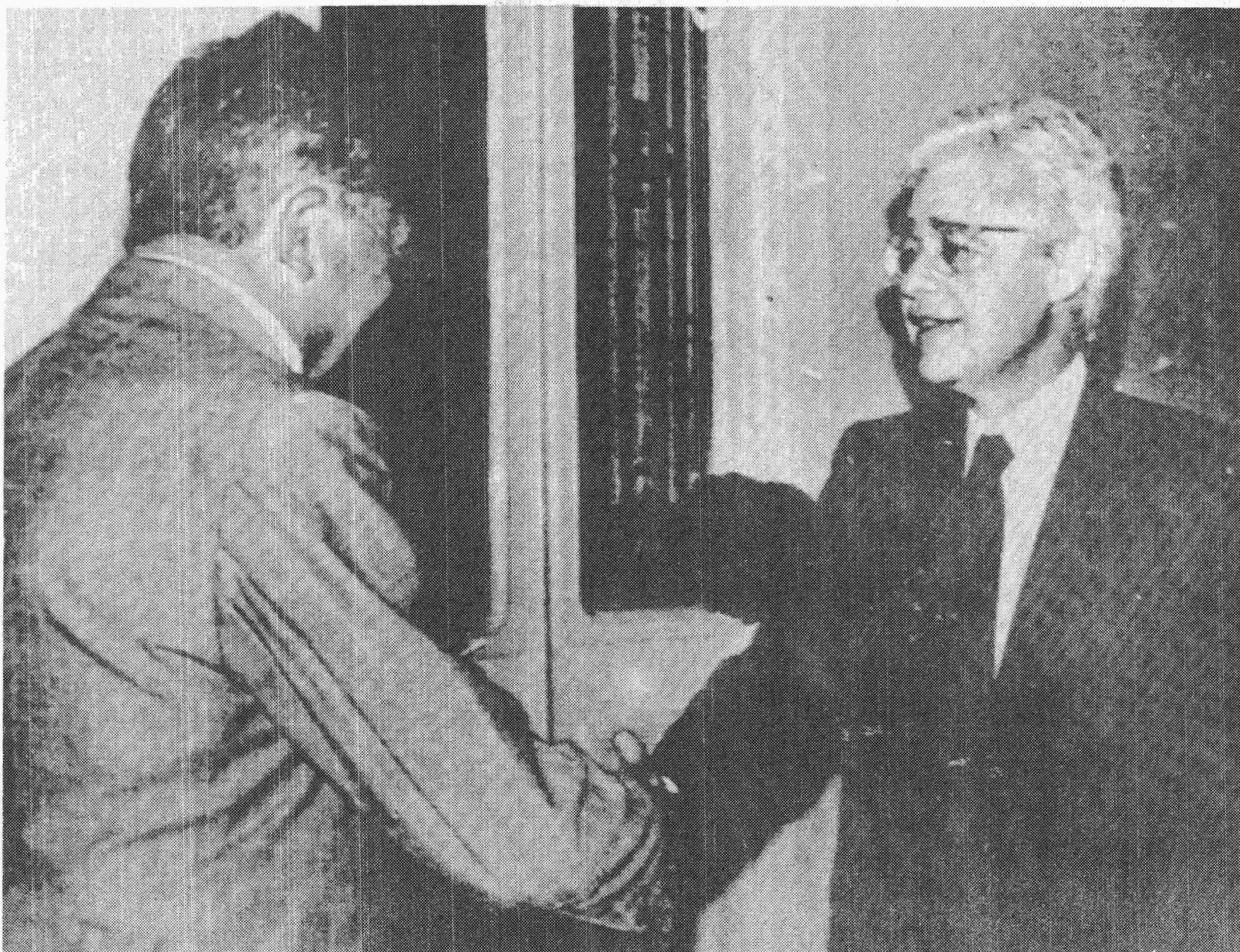
O PMDB, por seu tamanho, e o PSDB, por ser um crescente partido de centro-esquerda, serão os mais disputados, não só por Brizola ou Lula, mas também por Fernando Collor. O PMDB saiu muito machucado da disputa do primeiro turno e ontem indicava a tendência de abrir questão — ou seja, liberar seus integrantes a apoiarem quem bem entendessem. O PSDB, de linha mais definida, parece distante de uma aliança com Collor, apesar de há meses essa hipótese estar sendo considerada pelos adversários dos tucanos no Congresso.

Os governadores telefonavam ontem para Brasília desde cedo para conhecer a posição do PMDB em relação ao segundo turno. O candidato derrotado Ulysses Guimarães, o coordenador da campanha, Renato Archer, e o presidente Jarbas Vasconcellos comandaram uma série de reuniões, que ocuparam a cúpula peemedebista durante todo o dia. Não houve definição alguma.

Dois governadores informaram à direção do partido suas condições para apoiar um candidato no segundo turno. Eles disseram preferir uma disputa entre Lula e Collor, e a vantagem de Brizola sobre o petista, ontem de manhã, os assustava um pouco. "Temos de esperar para ver o que dá", comentou o governador do Rio, Moreira Franco, que até então tinha a mesma posição do governador gaúcho, Pedro Simon, de se recusar a apoiar Brizola. Depois Moreira ponderou sua recusa. "Do ponto de vista regional minha posição é difícil, mas o que está em jogo é a definição dos destinos do País", afirmou em Recife, depois de conversa com Miguel Arraes.

CONTRADIÇÕES

O governador da Bahia, Nilo Coelho, oficialmente fica com "qualquer um dos três" — Collor, Lula ou Brizola — no segundo turno. Mas extra-oficialmente, dizem assessores, Coelho não quer saber de Lula, contrariando a tendência de seu co-



Solano José/AE

Arraes recebe Moreira Franco no Recife: governador do Rio relaxa posição contra Brizola, apesar das divergências regionais

lega pernambucano, Miguel Arraes, que hoje se encontra com o líder do PT na Câmara, Plínio de Arruda Sampaio, encarregado pela Frente Brasil Popular (PT-PC do B-PSB) de encabeçar as negociações para o segundo turno.

Pedro Ivo Campos, governador de Santa Catarina, está aberto à composição política com qualquer dos candidatos de esquerda e propôs ao seu partido que feche questão contra Collor. O governador imagina um acordo "incondicional" para o segundo turno, baseado apenas em idéias, nunca em barganha política. Ivo apresentará sua proposta assim que forem divulgados os resultados oficiais da apuração, respaldado, segundo disse, na aprovação do deputado Ulysses Guimarães à sua sugestão.

O governador Álvaro Dias, do Paraná, sob a alegação de que apoio a um candidato "pressupõe avaliação de seu programa de governo", diz caminhar para a neutralidade, que só anunciará após ampla discussão com o PMDB no Estado. Segundo políticos paranaenses, o governador é atraído pela possibilidade de voltar a ser oposição ao governo federal.

CONSTRANGIMENTO

O temor da cúpula peemedebista, ontem, era de que o senador Fernando Henrique Cardoso, líder do PSDB no Senado, e o deputado José Serra, também tucano, comessem a criar condições de apoio de seu partido, ou de parte dos integrantes, a Fernando Collor. "Se isso acontecer, estará quebrada a barreira do constrangimento

moral, e os peemedebistas de centro poderão ir atrás", assustava-se um líder do PMDB.

No PSDB, contudo, havia duas palavras de ordem prioritárias: "coesão" e "unidade". "Temos de buscar a coesão", dizia o líder Euclides Scalco. "Do contrário, estaremos liquidados", concordava o deputado de esquerda Luiz Carlos Sigmariniga Seixas (DF). Satisfeitos com o quarto lugar nas urnas, e o bom desempenho nas capitais, os tucanos não querem jogar esse capital para o alto e podem até optar por uma certa neutralidade no segundo turno.

A neutralidade tucana desponta indiretamente nas declarações de um dos principais líderes do PSDB, José Richa (PR). O senador critica tanto Leonel Brizola quanto Luiz Inácio Lula da Silva e o PT, mas ao

mesmo tempo não dá indício algum de apoiar Fernando Collor, apesar do assédio do candidato do PRN, desde antes das eleições, sobre quadros do partido de Mários Covas.

As lideranças gaúchas do PSDB, por seu lado, preferem tomar posição desde já e dão como certo o apoio a Lula, caso ele vá para o segundo turno. Setores do partido simpatizam com a idéia de levar ao Palácio do Planalto o ex-metalúrgico. Quanto a Brizola, o silêncio é maior. Na opinião do deputado federal Hermes Zanetti, é ponto pacífico que o PSDB não apoiará Fernando Collor — "por questões de princípios e propostas programáticas". Zanetti é um dos que não admitem a omissão do partido na eleição final para presidente, por serem os tucanos "uma grande força

política, manifestada nas urnas".

CERTEZA

O candidato Leonel Brizola está tão convencido de ter conquistado uma vaga para o segundo turno que só aceita discutir composições para o segundo turno a partir dessa "verdade", o que equivale a dizer que está aceitando adesões. O líder do PDT na Câmara, Vivaldo Barbosa, culpou a lentidão da apuração oficial do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e a Rede Globo, com um processo de apuração acelerado, pelo clima desfavorável a negociações. "Só vamos falar em composição depois de termos o resultado final", justificou-se.

A insistência do PDT em proclamar a conquista do segundo lugar, não evitou o debate nos bastidores do Centro de Divulgação do TSE em Brasília, sobre a eventual vitória de Lula. "É uma pena", comentou Barbosa numa roda de pedetistas. "Se o Lula vencer Brizola, o presidente será Fernando Collor."

O raciocínio do líder do PDT leva em conta as dificuldades de composição política da frente partidária que apóia Lula, formada, além do PT, por alas comunistas e socialistas. Além disso, os brizolistas acham que, apesar de seu candidato não ter problemas pessoais em subir no palanque de Lula, não poderia garantir a transferência automática de votos, boa parcela deles dados "ao carisma e à liderança" de Brizola.

A dificuldade de composição do PT fica clara na posição adotada pelo governador do Ceará, Tasso Jereissati, que declaradamente deu apoio no primeiro turno a Mário Covas. Ainda que classifique todos os candidatos como "japoneses" diante de seus olhos — o que equivale a dizer que fora Covas todos são iguais —, Tasso tentará aproximar-se de Brizola, se for ele o outro concorrente do segundo turno. O irmão do governador, Carlos Francisco Jereissati, teria até emprestado seu avião para o ex-governador do Rio fazer campanha pelo Ceará.

De modo algum o governador apoiará Lula, comenta-se no Palácio do Cambé, sede do governo. Razão existe: entre os dois não há nenhuma identificação ideológica. Lula defende o socialismo, enquanto o empresário Tasso defende a livre iniciativa. Esse obstáculo para Lula se repete por todo o País, tornando, de acordo com diversas interpretações, mais difícil a vitória do candidato do PT, na eventualidade de enfrentar Collor.